



Melões etc, de Albert Eckhout

Exposição

PINTURA DE ECKHOUT FUNDA ICONOGRAFIA

Gigantescas telas retratando danças de indígenas, mulheres negras e mamelucas, frutas, plantas e animais compõem o retrato do Brasil do século XVII nas pincladas de um europeu. Mais precisamente um holandês, o pintor Albert Eckhout, que integrou a expedição científica do conde Maurício de Nassau, governador geral dos territórios holandeses no Brasil (1637-1644) durante a ocupação holandesa, que foi de 1630 a 1654. O olhar do artista, registrado em telas que chegam a ter 3 metros de largura, como em *Dança dos Tapuias*, pode ser visto em uma exposição rara iniciada em setembro em Recife, passando por Brasília e chegando à capital paulista, onde ficou exposta de janeiro a março deste ano na Pinacoteca do Estado e seguindo para o Rio de Janeiro, no Paço Imperial no Rio de

Janeiro, onde ficará até 25 de maio. Nas primeiras três cidades, a exposição foi vista por aproximadamente meio milhão de pessoas.

Pela primeira vez, o acervo completo com as 24 obras de Eckhout, produzidas entre 1637 e 1644, saiu do Museu Nacional da Dinamarca para uma mostra itinerante como essa. Quadros isolados do pintor já puderam ser vistos em 1991, no Masp e alguns deles compuseram a *Mostra do Redescobrimento*, em 2000. O cuidado se justifica: trata-se de uma das coleções mais valiosas do planeta, pois as obras, doadas por Nassau ao rei Frederico III, em 1654, jamais foram comercializadas e não se conhecem outras telas do pintor.

Para a pesquisadora Elly de Vries da Fundação Oscar Americano, com mestrado sobre o pintor na Holanda e coordenadora de pesquisa e texto da exposição, a obra de Eckhout pode ser considerada o primeiro contato visual real de como era a população, a fauna e a flora brasileiras no século XVII, e influenciou os modos de ver, representar e pensar o continente americano, inaugurando nossa iconografia e um novo imaginário. Segundo ela, as representações sobre o Brasil, existentes até então, eram as fantasiosas gravuras provenientes dos relatos das expedições no país de Hans Staden (1547 a



Dança dos Tapuias

1554) e Jean de Lèry (1556 a 1558). “Muitas dessas gravuras procuravam chamar a atenção para o grotesco e o primitivismo, enquanto que Eckhout tinha um grande compromisso com a realidade”, diz Elly.

A precisão da pintura do artista holandês transformou-o em fonte para a comunidade científica europeia da época, que pôde registrar e classificar plantas e animais brasileiros. Até na atualidade a pintura de Eckhout continua tendo esse papel. Dante Luiz Martins Teixeira, zoólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é um exemplo disso: pôde identificar, por meio da observação dos quadros de Eckhout, algumas espécies que desapareceram. Por essa característica, Elly acredita que é possível entender a obra do pintor pensando no limiar entre arte e ciência.

Cada uma das exposições no Brasil teve uma organização diferente. Pieter Tjabbes explica que, em Recife, cenário que inspirou a obra de Eckhout, a exposição tinha menos informações textuais, focalizando características visuais de forma mais regionalizada. “Na primeira sala, por exemplo, um cenógrafo fez um trabalho multimídia para abordar a obra de Eckhout”, explica Tjabbes. De acordo com ele, em Brasília houve maior interação entre textos e imagens com uma proposta educativa de arte, assim como em São Paulo.

Elly de Vries acrescenta que na Pinacoteca do Estado o objetivo foi o de resgatar a obra do artista, que ganhou maior visibilidade nos últimos 25 anos no contexto da História da Arte. Além dessa contextualização, a primeira sala da exposição em São Pau-

lo também procurou situar historicamente o espectador através de mapas e livros do século XVII, da coleção de José Mindlin, além de ilustrações de Frans Post, pintor que também integrou a comitiva de Nassau. A recuperação de alguns desenhos de Eckhout, perdidos até 1979 e presentes na mostra, possibilitou o surgimento de novos estudos sobre o pintor.

Marta Kanashiro

Arte

IMPRESSIONANTES GUERREIROS DE TERRACOTA

O Pavilhão da Oca no Parque Ibirapuera, em São Paulo, é palco da maior mostra sobre a cultura da China já realizada até hoje no Brasil. As exposições *Guerreiros de Xi'an e Tesouros da Cidade Proibida* desvendam a extraordinária arte e tradição milenar chinesa, com destaque para os “11 Guerreiros de Xi'an” e demais peças em terracota, descobertas acidentalmente por camponeses na década de 70 e, pela primeira vez, expostas na América Latina.

As impressionantes peças são em tamanho natural, guerreiros trazidos ao Brasil (soldado da cavalaria, cavaliço ajoelhado, cocheiro, cavalo de carro de combate, oficial de média patente com armadura, guerreiro com armadura, arqueiro em pé, guerreiro em traje de infantaria e general), cujos trajes são compostos por pesadas couraças, capas ou batas longas, cobertas por placas

quadrangulares, perneiras e sapatos de bico quadrado. É uma imagem fantástica do mausoléu composto por mais de 7 mil guerreiros – onde nenhum deles é igual a outro – e cem carros de combate de madeira que, sem dúvida, compõem um conjunto arqueológico sem igual na história imperial da China. São os chapéus, através do número de placas existentes, que distinguem os oficiais dos soldados comuns.

Os soldados parecem marchar em combate ou estar em atividades de treinamento. A produção e enterramento dos exércitos que protegem o túmulo do primeiro imperador Qin Shi Huangdi – que unificou a China em 221 a.C. – demandou uma complexa organização de mão-de-obra, envolvendo um grande número de artesãos e trabalhadores em oficinas. Estima-se que houve uma mobilização de 700 mil homens, vindos de diferentes partes do império, para a realização dos trabalhos que levaram ao todo 38 anos. O impacto dessa empreitada (remoção de terra, corte de madeira e procedimentos de modelação), talvez explique o fato de a região da Província de Shaanxi ter sido sacudida por rebeliões que a destruíram por inteiro, deixando intacto apenas o que estava no subsolo. Em 1987, a Unesco conferiu ao mausoléu o título de Patrimônio da Humanidade.

A cenógrafa Daniela Thomas e o arquiteto Felipe Tassara são responsáveis pelas instalações que abrigam as esculturas. O cenário do subsolo recria a sensação do sítio arqueológico em que os guerreiros foram encontrados. “A idéia é fazer as pessoas sentirem essa realidade, por isso contextualizamos o ambiente para todos entenderem de onde os guerreiros vêm, onde foram



Guerreiros de Xi'an

enterrados”, diz Daniela. Para garantir essa sensação, a cenógrafa criou um ambiente labiríntico, com paredes grossas e altas, bem octagonal. Na instalação, os guerreiros são vistos de perto, diferente de como ocorre na China, onde são vistos somente do alto, de cima para baixo.

Esse projeto integra o Programa Executivo do Acordo de Cooperação Cultural e Educacional entre a China e o Brasil. A nova política externa brasileira definiu a China como um parceiro fundamental. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva inaugurou a mostra, reafirmando a dimensão dos interesses envolvidos. “Essa exposição é uma primeira janela que abrimos para contemplar e entender a civilização chinesa”, disse. O ministro da cultura chinês, Sun Jiazheng, ratificou o interesse, dizendo que inúmeras instituições chinesas mobilizaram-se para a realização dessa mostra.

Mayla Yara Porto

SERVIÇO

Até 18 de maio - de terça-feira à sexta-feira, das 9h às 21h - sábado e domingo, das 10h às 21h - R\$3,50 (estudantes) e R\$7,00 - menores de 5 e maiores de 65 anos não pagam.